

O PROCESSO DE INCLUSÃO DE DEFICIENTES VISUAIS NO COLUN: a prática do professor

Fernanda Rodrigues Santos ¹

RESUMO

O Processo de Inclusão de Deficientes Visuais no COLUN: a prática do professor. Objetiva-se compreender como o processo de inclusão de deficientes visuais está ocorrendo no COLUN. Pretende-se identificar junto com os professores (as) de que maneira a inclusão de deficientes visuais vem sendo desenvolvida em sua prática. Realizou-se abordagem qualitativa fundamentada em questionamentos para a compreensão da realidade escolar do Colégio Universitário e em farta bibliografia sobre o assunto. A pesquisa realizou-se em uma instituição de natureza pública. Aplicou-se questionário com o gestor e realizou-se entrevistas com 3 professores (as) que trabalham no ensino médio em sala regular, professor do NAPPNE (Transcritor Braille) e aluno com deficiência visual. Utilizou-se entrevista semiestruturada dando possibilidade ao entrevistado de discorrer sobre o tema proposto. Evidenciou-se que o COLUN, possui um Núcleo de Apoio Especializado para auxiliar os alunos deficientes visuais com a disponibilização de materiais necessários para o desenvolvimento da sua aprendizagem e professores especializados para fazer o atendimento individualizado com base nas necessidades educativas de cada aluno com deficiência visual. Conclui-se que apesar do COLUN trabalhar com práticas inclusivas muitos professores se sentem despreparados para desenvolver suas atividades com o aluno deficiente visual por conta de ter uma insegurança quanto a metodologia adequada utilizada em sala de aula decorrendo da necessidade de formação adequada para auxiliá-los na sua prática. Constatou-se que a falta de conhecimento do professor acerca da melhor maneira para se trabalhar com o deficiente visual é o que compromete a sua prática docente, por isso a importância da escola em promover formações que abordem essa temática.

Palavras-chave: Inclusão, Deficiente visual, Prática docente.

INTRODUÇÃO

A carreira docente apesar de todas as dificuldades que a rodeia, continua sendo a maneira mais eficiente de fazer alguma diferença nas práticas educativas.

Por vivenciar o ambiente escolar através dos estágios e de atividades desenvolvidas por alguns professores, foi possível observar de perto e identificar algumas dificuldades enfrentadas pela escola pública. Uma delas foi a dificuldade no que diz respeito ao processo de inclusão das crianças com necessidades educativas especiais, especificamente as deficientes visuais. Vários fatores influenciam para que essa inclusão não aconteça, dentre eles a falta de estrutura física e profissionais da educação qualificados para trabalhar com essas crianças.

A partir dessas observações e constatações, sentimos a necessidade de entender melhor esse processo de inclusão, desde as leis que a fundamentam até o dia-a-dia de sala de aula.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica PPGEEB=UFMA
Email: fernanda89rs@gmail.com

Conhecer melhor como ocorre efetivamente o processo de inclusão, é importante, pois nos permite compreender que, apesar de todas as dificuldades, é necessária a conscientização de que a educação é o melhor caminho para a construção do cidadão, inclusive aqueles que apresentem algum tipo de deficiência. Sendo os professores os mediadores desse processo, é de extrema importância que conheçam de fato o que é a inclusão, visto que não consiste apenas em estar na escola, é muito mais que isso. Na verdade é preciso que haja a conscientização de todos os setores da sociedade da importância da inclusão na vida dessas crianças.

O objetivo deste trabalho consiste em compreender como esse processo de inclusão, especificamente dos deficientes visuais, está acontecendo no Colégio Universitário (COLUN), e o que tem sido feito para superar as dificuldades, e de alguma forma contribuir para que haja uma mudança na maneira de ver e trabalhar a inclusão.

METODOLOGIA

Utilizamos a abordagem qualitativa fundamentada em questionamentos levantados sobre a aplicação e resultados obtidos, objetivando compreender como a inclusão de deficientes visuais vem acontecendo, de acordo com Gresler, 2004, p. 9): “A pesquisa qualitativa visa a compreensão de uma realidade específica, ideográfica cujos significados são vinculados a um dado contexto”. O pesquisador deve estar familiarizado com a literatura sobre o tema para que possa propor questões significantes e ainda não investigadas.

Utilizamos também a pesquisa bibliográfica por que consiste no levantamento bibliográfico de autores que deem respostas ao problema que se pretende investigar. Como instrumento de coleta de dados utilizou-se a observação, entrevistas semiestruturadas com professores da sala regular, com um aluno deficiente visual, transcritor Braille e aplicação de um questionário com o gestor da escola para a compreensão do funcionamento da referida escola.

Para preservarmos suas identidades, denominamos de P1, P2, P3, para os professores da sala regular e TB para o professor transcritor Braille, e A para o aluno DV. O professor P1 é formado em Letras e trabalha no COLUN há 15 anos. O professor P2, é formado em História e trabalha no COLUN há cerca de 10 anos. O professor P3, é formado História no COLUN há 7 anos. O transcritor Braille que é o TB é formado em Pedagogia e possui especialização em Educação Inclusiva e Coordenação Pedagógica e trabalha no COLUN há 7 anos.

A escola escolhida para realizar essa pesquisa foi o Colégio Universitário (COLUN), instituição de vínculo federal, de natureza pública, na zona urbana, localizado na Universidade Federal do Maranhão, Av. dos Portugueses, 1966 Bacanga. Para fazer o atendimento de alunos com deficiência fez-se necessário a criação do NAPNEE criado em 2004 que é o Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas.

Com base nos dados coletados em entrevistas serão analisados por temas para a melhor compreensão do processo de inclusão dos deficientes visuais no COLUN.

RESULTADOS

CONCEPÇÃO DE INCLUSÃO

A inclusão significa que todos os alunos devem ser incluídos com condições adequadas para garantir o acesso e a permanência na participação ativa das atividades dentro da sala de aula.

Para o TB:

Inclusão, [...] incluir a todos, promovendo uma educação de qualidade para todos, igualitária. [...] E a inclusão das pessoas com deficiência, especificamente aqui no Colégio Universitário, ela tá [...] em desenvolvimento na escola, né? Porque a cada deficiente visual ele tem uma necessidade, e isso é um desafio pra todos. Por mais que nós já estamos há mais ou menos onze anos já [...] nesse papel aqui na escola, mas a cada dia a gente encontra um desafio, né? Desafio em relação ao atendimento desses alunos, porque cada um tem uma dificuldade e tem também uma facilidade em alguma coisa no processo de ensino aprendizagem.

No que diz respeito a inclusão de deficientes visuais nota-se que cada aluno tem a sua singularidade e individualidade por nem todos são iguais., ou seja, apresentam diferenciações no tocante a patologia apresentada por cada deficiente visual.

Segundo o P1: “Inclusão [...] é dar oportunidades iguais a todas as pessoas, independente dos problemas, das dificuldades, que elas possam ter. [...] Então nessa perspectiva a inclusão [...] vai desde os recursos audiovisuais, desde o treinamento, desde profissionais preparados pra trabalhar com essas pessoas que necessitam de um apoio muito mais adequado ainda”.

Para P2, a inclusão “[...] é um processo que deveria já ser normal nas salas de aula brasileiras, porque ao nascermos todos nós temos o direito de ter acesso a tudo, inclusive à educação”. E ainda é “[...] a inclusão como um processo natural, mas que infelizmente ainda sofre muitas restrições dentro do cenário educacional brasileiro”.

Já para o P3:

Inclusão é o processo de inserção de aluno com dificuldade seja ela física, motora ou intelectual em um ambiente escolar, em um ambiente dentro da escola. [...] desde 2007 nós temos alunos com dificuldade visual cem por cento em parte e a sensação que eu tenho é que isso está acontecendo dentro da escola apesar de termos poucos alunos, [...] e ao longo do processo a gente percebe que eles se sentem a vontade na escola apesar de todas as dificuldades existentes.

Para o A:

[...] inclusão seja um termo utilizado como forma de, onde, como uma ocasião de que todas as pessoas, é, sem exclusão de gênero ou classe social estejam dentro de condições iguais em diversas as situações, [...]. Eu me sinto incluído na maioria das vezes não em todas as ocasiões, por que há ainda dentro do Colégio Universitário, ainda [...] que se realize algumas é, políticas de acessibilidade na escola, assim como, a conscientização de alguns alunos por parte de como saber se comportar para melhor nos incluir no contexto da escola. [...]

A CF em seus Art. 205 que “a educação é direito de todos promovida pela participação social”. (BRASIL, 2006). Para que isso ocorra [...] as escolas inclusivas devem reconhecer e responder as necessidades de seus alunos, que possuem estilos, ritmos diferentes de aprendizagem assegurando uma educação de qualidade [...]. (MENEZES, 2001).

Com base nesse aspecto a Declaração de Salamanca (1994) que as escolas regulares devem se adequar para que as crianças com necessidades especiais tenham acesso a essa escola que se constituem como meios de combater umas atitudes discriminatórias para construir uma sociedade inclusiva.

Segundo Almeida Emilene Santos concituando a Educação Inclusiva: “Incluir é trocar, entender, respeitar, valorizar, lutar contra exclusão, transpor barreiras que a sociedade criou para as pessoas”. É ainda “oferecer o desenvolvimento da autonomia, por meio da colaboração de pensamentos e formulação de juízo de valor, de modo a poder decidir por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida. De modo que ocorra o desenvolvimento autônomo em todas as circunstâncias da vida. (Santos apud Sasaki, 1997, p. 41).

Pretende-se com isso, a valorização da diversidade, de modo que ocorra o desenvolvimento de potencialidades para que haja a inserção dentro do ambiente educativo, tendo por finalidade promover a aprendizagem. O professor será o mediador desse processo.

Percebe-se o que a inclusão diz respeito a vários fatores, não só a presença em sala de aula, que o governo deve assumir o seu papel de incentivar e oferecer os recursos necessários para a sua implantação efetiva, profissionais devidamente capacitados, recursos facilitadores, para que os objetivos da educação inclusiva sejam alcançados.

Formação de professores

Para compreender melhor como trabalhar com as pessoas com deficiência os professores por sua vez necessitam de capacitação, isto lhes dará maior segurança no trato com essas pessoas.

Nesse sentido, por exemplo, o P1 afirma que ainda tem muitas dificuldades “em saber como trabalhar”, apesar de não ser a primeira vez que trabalha com “deficiente visual”. Se preocupa em “como passar o [...] conteúdo, de que forma eu poderei atender a esse aluno dentro da minha disciplina, para que ele possa compreender [e] ampliar o conhecimento dele, para que possibilite a a ele [...] o mesmo nível de aprendizagem com os demais alunos”.

Para o professor P2:

[...] seguro a gente nunca está, mas com o pessoal do material didático, com os cursos que se tem feito de formação, de preparação, esse processo tem se tornado menos, digamos assim..., doloroso, né, [...]. Segurança, ela requer da gente uma atenção especial pra que a gente nunca esqueça, pra que a gente não deixe de lado a presença desses alunos da sala de aula, que fazem com que eles participem ativamente das atividades.

Para o P3:

Eu tive [...] um aluno com dificuldade visual, [...] á em 2008 e [...] nesse ano, agora no terceiro ano tenho também um aluno, [...] tenho tentado observar a reação dele em sala de aula [...] tenho feito a leitura dos slides antes de começar a explicação, [...] se tem alguma imagem faço a parte descritiva [...] para que ele não se sinta completamente alheio ao que está acontecendo, [...] não vejo problema [...] em trabalhar com eles, [...] possibilita que a gente vá mais devagar [...] há a tendência da gente correr com o conteúdo e com o aluno que tem deficiência visual a gente tem que ter mais paciência e tem que exercitar isso.

Segundo o A, apresenta que “nem todos estão preparados”, por que [...] em algumas matérias é mais fácil trabalhar com uma pessoa que tem deficiência visual”, do que com as que irão necessitar de “[...] imagens e figuras se torna mais difícil e esses professores naturalmente encontram uma maior dificuldade.

Mesmo com o oferecimento de formações pela escola aos professores ainda é muito pouco porque necessita-se de uma qualificação mais acentuada, havendo uma insegurança ao trabalhar com deficientes visuais , por que não estão preparados para isso, sentindo-se pouco frustrados, perdidos e incapazes de transmitir os conhecimentos específicos. A sua qualificação profissional é de suma relevância, como afirma a LDB, em seu Art. 59º, inciso III, que os professores com especialização adequada em nível médio e ou superior para atendimento

especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para integração desses educandos nas classes comuns. (BRASIL, 1996).

3.3. As estratégias utilizadas no ensino

Para solucionar a problemática quanto a inclusão de alunos com DV, é necessário empregar algumas estratégias para melhoria da aprendizagem. Para o TB:

A principal estratégia é a intervenção com os professores, né, sensibilizar os professores pra essa questão da inclusão. Não só os professores, mas os gestores da escola, também, porque muitas coisas dependem da gestão da escola, então, essa intervenção, esse diálogo do dia a dia né, essa sensibilização. Eu acho que é uma das principais estratégias que a gente cria aqui na instituição.[...].

Como o P1:

Eu utilizo o power point, mas eu sei que muitas vezes não dá, eu preciso de um texto xerografado. Agora mesmo eu tô com o A, ele pediu: “ Professora, passe todo o seu material em word porque eu transfiro para o meu notebook que tem audiovisual”. Então a minha proximidade dele, a minha aula é dialogada, trabalhar em grupos, pra que ele se socialize, entenda melhor o que estou passando, o livro que eu estou utilizando. Agora mesmo o TB disse: “Não, mas tem o CD que ele pode acompanhar. Mesmo livro tem o CD que é um recurso para o deficiente visual”. [...]

Para o P2:

[...] além do uso do material didático deles, procuramos esperar que eles procurem, busquem, abram o livro no computador, façam a leitura prévia. [...] às vezes que eu preciso dar informações novas, eu espero que eles se preparem pra poder fazer as suas anotações adequadamente, [...] tirem a dúvidas que eles têm em relação àquilo que foi escrito. [...] coloco um colega ao lado pra poder ir orientando em algumas questões que às vezes eu boto no quadro,[...]. Incluo, geralmente, em grupo de pedido de trabalho, de pesquisa, pra que eles não se sintam isolados dentro da sala de aula. Sugiro que deem tarefas pra eles, pra que eles possam participar efetivamente, e não simplesmente estar no grupo, [...]

Para o P3:

[...] uma das estratégias é o oferecimento de cursos, [...] e outra estratégia, no ano passado, [...] a construção de um material tátil, né. Então o NAPNEE, tem feito também esse trabalho de acompanhamento com a gente, né, mas, ainda volto a repetir que falta muita coisa de fato para que a escola se torne inclusiva, a gente ainda está nos ensaios.

De acordo com A:

[...] essa mudança de metodologia se inicia simplesmente em uma conversa entre professor e aluno [...] e fazer uma descrição mais detalhada daquilo que ele está mostrando para a turma para que assim o aluno com deficiência em si possa acompanhar também o que está sendo falado em sala de aula.[...] A prática dele beneficia a inclusão sim, quando um professor ele se dispõe a compreender a situação em que o aluno se encontra e dispõe a incluir esse aluno nas aulas [...]. Olha, alguns

.professores preferem marcar uma aula extra com a gente para que sozinho conosco possa haver um diálogo mais direto entre eles e nós e que eles possam explicar de uma melhor forma a imagem gráfica para a gente. Dependendo da atividade normalmente, uma atividade que não é possível nós acompanharmos sem auxílio, nós fazemos em dupla. As provas são feitas individuais e as minhas é no computador.

O que se pode constatar é que os professores mesmo não se sentindo seguros para trabalhar com deficientes visuais utilizam algumas estratégias que acabam dando certo em seu trabalho. Pode-se observar que muitas são as iniciativas utilizadas pelo professor para que o aluno seja incluído dentro de sala de aula e para que a sua aprendizagem aconteça. A inclusão permite a participação das atividades dentro de sala de aula de forma que haja o seu desenvolvimento de forma significativa, e cabe ao professor juntamente com o núcleo com o intuito de buscar alternativas que possibilite a inclusão dessas pessoas no ensino regular. Como está especificado na LDB e CF e que todos tem o “direito a educação preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1996), e com isso se deve dar condições a essas pessoas para que possam permanecer dentro do espaço escolar de forma que se possam se desenvolver de forma plena.

3.4. Relação entre professores e Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educativas Específicas

Ao serem questionados sobre sua convivência, o TB argumenta que: “[...] através desse diálogo irá favorecer o o oferecimento de todas as informações necessárias quanto ao uso de materiais adequados para trabalhar com esse aluno, recomendando que os professores busquem estratégias criativas [...]”. já de acordo com o P1:

[...] eles oferecem, que eles vêm até nós, pra poder conversar e dizer os recursos que podem ser oferecidos, mas devido o nosso corre-corre do dia-a-dia , as atribuições da nossa sala de aula, muitas vezes, nós professores, é que pecamos porque não buscamos, mas que algumas vezes existe essa tentativa de aproximação do professor, no sentido de que ela possa trabalhar a questão da acessibilidade, isso sim.

Para o P2: “As pessoas que trabalham aqui com o núcleo acessibilidade, são muito dispostos, né, se colocam sempre à disposição da gente, na medida do possível, para nos auxiliar naquilo que eles têm de material”. E por fim para o P3: “Há uma tentativa no diálogo do NAPNEE com os professores e [...] percebo que muitos [...] ainda tem resistência, né, mas, é uma luta que está posta e não dá para esmorecer”. Segundo ele, “não temos como fugir dessa

situação, né, os meninos e meninas tem direito a essa formação e o NAPNEE tem feito o papel dele sim”.

Com isso pode-se constatar que de fato existe um diálogo entre os professores e o núcleo para se fazer da melhor forma possível a inclusão dos deficientes visuais para contribuir significativamente na sua aprendizagem, sendo que este setor atende aos alunos de forma individual ou coletiva dependendo da ocasião de modo a oferecer recursos adequados para possibilitar a acessibilidade dos mesmos, pois, de acordo com a LDB, em seu Art.58º, §1º, que: haverá quando necessário serviços de apoio especializado na escola regular para atender as peculiaridades da clientela da educação especial. (BRASIL, 1996).

Devido as várias atribuições que os professores exercem, não fazem em muitos casos a aproximação com esse núcleo. Neste núcleo são feitas as transcrições e adaptações dos materiais que os alunos (as) utilizam no seu processo de escolarização que garantirão a permanência e o acesso destes na educação, como afirma a LDB, no seu Art. 59º, inciso I, que se deve considerar currículos, métodos, técnicas e recursos educativos e organização específica para atender as suas necessidades. (BRASIL, 1996).

3.5. Dificuldades no processo de inclusão

De acordo com o TB, “[...] a gente acaba compartilhando das mesmas necessidades deles, das angústias deles, eu acho que o desafio maior é essa compreensão dos próprios professores em relação à metodologia e a didática, né, que eles utilizam com os alunos”. Dessa forma uma das grandes dificuldades está na compreensão do professor na utilização de uma metodologia que atenda de fato a necessidade do aluno(a), quando isso não acontece irá prejudicar somente na aquisição da aprendizagem dos que possuem deficiência visual fazendo com que se sintam inferiores aos demais alunos(as) da sala por conta da defasagem da sua aprendizagem.

Para o P1:

[...] os desafios são: primeiro, como ministrar aula? Que conteúdos eu posso trabalhar que ele possa compreender? O recurso a ser utilizado, como eu vou confeccionar esse recurso? De que forma eu vou empregá-los dentro da sala de aula? A própria língua, o próprio recurso do braille, como é que eu vou trabalhar? [...] Como é que eu posso me comportar diante de um aluno que tem o mesmo direito dos demais? E que precisa de um atendimento mais específico, mais próximo, tá, pra que ele possa, assim, como os demais alunos, ele possa ter as mesmas condições. [...]

Segundo este professor a sua grande preocupação se concentra na sua metodologia e na utilização de recursos para propiciar a inclusão do aluno, e isso decorre por falta de uma melhor preparação para oferecer uma aula de qualidade para se efetivar a inclusão de fato.

Pois, para o P2, “[...] o primeiro desafio é o material didático”, onde, “normalmente não está adaptado para atender as necessidades dos alunos”. Entretanto, também afirma que “os nossos alunos com deficiência visual já têm um livro em Braille, esse livro já é disponibilizado em um computador, notebook para eles [...]”. A inda assim, há obstáculos quando se trata da “[...] transcrição do material para eles, a transcrição das provas, feitas pra gente... demora um pouco de tempo, né, às vezes não tem o material humano suficiente para fazer esse trabalho”.

O que se pôde ver nessa fala é que os materiais são disponibilizados aos alunos dependendo da sua necessidade, mas, muita das vezes esse material demora para chegar nas mãos dos alunos por falta de um maior número de profissionais qualificados para fazer a adaptação necessária.

Pois, para o P3:

[...] A dificuldade de muitos professores trabalharem com essa parte da inclusão mesmo, no nosso caso aqui, é a deficiência visual mesmo, então por isso, eles deveriam participar dos cursos de formação continuada, e não tem participado e aí eles acabam trabalhando a partir apenas de um olhar externo sem muita profundidade, [...].

Então a falta de inserção dos professores em cursos de formação continuada de fato dificulta a inclusão de alunos (as) com deficiência.

À luz do exposto, percebemos que ainda são grandes os problemas enfrentados pelo professor no que diz respeito à maneira como trabalhar com aluno deficiente visual. A falta de preparação do professor em trabalhar com esse aluno continua sendo o principal fator de “fracasso”. A falta de preparação do professor em lidar com esses alunos, continua sendo o principal fator de dificuldade do trabalho com o aluno deficiente visual.

Segundo o A:

Por isso o aluno com deficiência visual entrevistado afirma que: maior desafio de um professor é que ele não vem preparado da universidade e não convive com uma pessoa que tem deficiência visual e aí, ele, entender primeiramente, entender a situação em que essa pessoa que tem a deficiência está, e ele adaptar a sua metodologia de ensino para poder incluir de forma total o aluno em questão nas suas aulas. [...] sua maior dificuldade enquanto aluno com deficiência visual ao entrar no processo educativo é se deparar com professor que não é preparado e nunca deu aula para uma pessoa com deficiência, no início do ano muitas vezes sofremos atrasos devido ao pouco preparo que o professor tinha.

Percebe-se que a grande preocupação que se observa se faz referência aos recursos e métodos que deverão ser utilizados em sala para se fazer a inclusão e para que isso possa ser sanado se deverão utilizar algumas estratégias que possam possibilitar a sua prática inclusiva. O melhor a se fazer é o diálogo entre esses (as) professores (as) para que haja a prática inclusiva e no que diz respeito a LDB afirma que se deve fazer a utilização de “recursos, métodos, currículos e técnicas para atender as suas necessidades”. (BRASIL, 1996).

3.6. Sugestões para a prática docente

Para que a prática inclusiva se desenvolva de forma harmoniosa são necessárias algumas sugestões de como poderia ser melhorada. Para TB: “A sensibilidade docente para construção do processo ensino-aprendizagem de qualidade”. Já de acordo com o P1:

A realidade, inicialmente, que a gente pudesse entender através de reuniões, de cursos, essas dificuldades, um treinamento mais apropriado, mais aprofundado, Também buscar trabalhar conosco uma formação que a gente possa confeccionar os recursos pra cada deficiência. Então isso é importante, ter um treinamento mais aprofundado onde agente pudesse entender como é o funcionamento de uma aula com alunos com deficiência e principalmente como confeccionar e trabalhar alguns recursos, estar apta para as deficiências que a gente tem por aí, entendeu, principalmente a deficiência visual, seria importante que a gente pudesse estar tendo um treinamento com pessoas práticas mesmo, tá, uma formação prática, tá, pra que a gente pudesse entender como a gente dentro de cada área do conhecimento pudesse confeccionar os recursos necessários pra aquela aula com deficiente visual, deficiente auditivo, tá?

Já para o P2:

Uma formação continuada, porque a gente precisa disso. O profissional quando ele sai da universidade, ele sai incompleto, inconcluso. Todo profissional é um profissional inconcluso, sempre fundamentando sua formação. E esse profissional que normalmente na graduação, não viu, não trabalhou com nenhum tipo de estratégia, para a inclusão de pessoas com deficiência, ele precisa ser formado constantemente. Esse é o principal desafio.

Para o P3:

A primeira sugestão é que agente de fato consiga implementar um sistema de localização na escola pros meninos, e nós tínhamos um piso tínhamos que acabou sendo mal colocado e teve que ser retirado, uma outra coisa que agente precisa fazer cotidianamente é educar os que não tem a deficiência visual pra que auxiliem os que tem deficiência ou pelo menos não dificulte, como na semana passada, por exemplo, uma mãe de um de nossos alunos veio falar comigo perguntando se nós já tínhamos conversado com os alunos sem problemas de visão pra que eles possam abrir espaço, pra que os meninos possam circular na escola, não conseguimos fazer esse trabalho no início do ano, mas, na próxima semana vamos entrar na sala de aula explicando, acho que é um processo educativo mesmo lento e gradual que agente vai implantando a medida que surgir as necessidades.

Para A:

Eu acho que é necessário haver por parte da direção da escola um maior esforço para que haja políticas que alcance principalmente os alunos da escola para que se conscientizem também, falando em questões estruturais procurar adequar a escola melhor para receber alunos com deficiência visual.

Percebe-se que são apresentadas algumas sugestões para que a prática inclusiva melhore dentro dessa instituição, precisando que a direção da escola crie políticas que facilite a locomoção dos alunos com deficiência e a sensibilização dos profissionais e dos demais alunos, que fazem parte desta escola para que de fato incluam esses alunos dentro do processo escolar de fato, outra sugestão é que realize um treinamento para que possibilite fazer a confecção de recursos para se trabalhar com os alunos com deficiência visual, a formação continuada é de grande importância **porque** quando saem da universidade, não estão preparados para trabalhar com alunos deficientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado dessa pesquisa evidenciou que o Colégio Universitário- COLUN, tem criado iniciativas para que o processo de inclusão aconteça de fato; aos alunos deficientes visuais são disponibilizados todo o suporte didático para auxiliá-los na sua aprendizagem. A escola possui um Núcleo de Apoio Especializado que tem por objeto auxiliar os alunos (as) com deficiência em tudo o que for necessário para o bom desenvolvimento de sua aprendizagem, como, por exemplo, materiais didáticos adaptados em Braille, assim como softwares que fazem leituras dos textos, entre outros.

A escola também possui professores (as) especializados (as) na deficiência área visual que auxiliam os alunos através do acompanhamento individualizado de acordo com sua necessidade. Constatou-se que embora a escola ofereça condições que facilitem a aprendizagem do aluno, o professor tem sido deixado de lado quanto à sua preparação para trabalhar com o aluno deficiente. Segundo eles, há a necessidade de formações para auxiliá-los na sua prática, sendo que muitos ainda se sentem inseguros quanto a metodologia adequada para trabalhar com o deficiente. Concluí – se então que o conhecimento do professor acerca da melhor maneira para se trabalhar com o deficiente visual é o que compromete a sua prática docente, por isso a importância da escola em promover formações que abordem essa temática.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.. Fernando Henrique Cardoso. Brasília, dez. 1996. P. 1-13. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 abr. 2017.

_____. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federa, 2016. Disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/cf88_livro_ec91_2016.pdf. Acesso em: 24 de abr. 2017.

GRESSLER, L. A. **Introdução à pesquisa:** projetos e relatórios. 2. ed. rev. São Paulo: Loyola, 2004. < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000093&pid=S1983-3083201200010000400010&lng=en > Acesso em: 29.03.2017

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Salamanca – Espanha, 1994.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. **Verbetes Declaração de Salamanca.** *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil*. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/declaracao-de-salamanca/>>. Acesso em: 24 de abr. 2017.

SANTOS, Almeida Emilene. **Educação inclusiva:** conceito, fatores históricos: legislação e reflexões. Disponível em:<<https://pt.slideshare.net/emilenealmeidasilva/educacao-inclusiva-42615825>>. Acesso em: 17 abr. 2017.